

## CULTURA

## Um livro de oração p

O Livro de Horas de D. João II, descoberto numa colecção particular, está agora a ser estudado. Encomendado pelo *Príncipe Perfeito*, que antes de ser rei já se ocupava da exploração marítima, tem um calendário a ela adequado

**História**  
Lucinda Canelas

Um homem muito inteligente, de uma perspicácia extraordinária e com um apurado sentido político. Profundamente religioso, como era comum entre os monarcas europeus do seu tempo, sabia rodear-se de bons conselheiros e tinha uma personalidade fortíssima, que não deixava indiferentes aqueles que com ele conviviam, pelo menos a avaliar pelos relatos que do seu reinado fazem secretários e cronistas. “Pelo que nos contam Garcia de Resende e outros, podemos dizer que as pessoas ficavam impressionadas com o rei e consideravam um privilégio privar com ele”, diz o historiador Francisco Contento Domingues, ao concluir um retrato sumário de D. João II, o *Príncipe Perfeito*, figura decisiva do projecto de exploração marítima portuguesa na segunda metade do século XV.

Antecessor de D. Manuel I, o monarca a quem a maioria associa os Descobrimientos, D. João II (1455-1495) foi um homem-chave na chamada primeira globalização, tendo chegado a ver Bartolomeu Dias contornar o Cabo da Boa Esperança em 1488, ligando os oceanos Atlântico e Índico e deixando aberto o caminho marítimo para a Índia passando pelo sul do continente africano, trajecto cumprido pela primeira vez por Vasco da Gama pouco depois da morte do monarca (1497-98).

É por estas e por outras razões que a identificação de qualquer documento potencialmente associado a D. João II suscita a curiosidade dos historiadores e em se tratando, como aqui, de um Livro de Horas, também dos historiadores de arte.

Foi em meados de Março que o semanário *Expresso* noticiou que investigadores do Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Universidade Nova de Lisboa (UNL) tinham identificado em Setembro do ano passado e numa colecção particular portuguesa aquele que acreditavam ser o Livro

de Horas do *Príncipe Perfeito*. Este tipo de livro tão ao gosto das elites dos séculos XV e XVI, por regra ricamente ilustrado com iluminuras da vida de Cristo, da Virgem Maria e dos santos, foi criado no século VIII e destinava-se à devoção privada dos leigos (crentes não religiosos). Incluía, para isso, um calendário anual de festas

(Maria Adelaide Miranda, Delmira Espada Custódio e Carlos Manuel Pereira Fontes), do Centro Interuniversitário de História das Ciências (Henrique Leitão e José Madruga Carvalho) e do de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras (Aires Augusto Nascimento), ambos da Universidade de Lisboa, é absolutamente singular.

#### “Verdadeira raridade”

Com 115X80mm (formato de bolso), executado em velino, com mais de 200 fólios e 22 iluminuras de página inteira (faltam apenas uma), é uma “verdadeira raridade”, porque foi encomendado por um rei, está escrito em latim e português, inclui um “calendário de rigor científico” e, ao que tudo indica, é de produção nacional, explica Delmira Custódio. A juntar a tudo isto está o facto de o dito calendário ter sido feito por D. Diogo Ortiz de Vilhegas (nome aportuguesado), um matemático e prelado castelhano que chegou ao país em 1476 na comitiva da princesa D. Joana, a sobrinha e segunda mulher de Afonso V, e que viria a desempenhar importantes funções na corte de outros dois reis de Portugal, D. João II e D. Manuel I.

“Vilhegas é um grande cosmógrafo, um astrónomo, a trabalhar numa corte que é um epicentro das navega-



“**Não é habitual ter num livro de devoção privada um calendário com informação astronómica [certa]**

**Henrique Leitão**  
Historiador de ciência

litúrgicas e salmos, e organizava o ritual das orações ao longo do dia, atribuindo-lhes horas, ou melhor, momentos específicos.

Tendo todas estas características gerais que o equiparam a um comum Livro de Horas, o que está agora a ser estudado por uma equipa multidisciplinar que reúne, entre outros, investigadores do Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova

ções”, diz esta investigadora na área da história de arte que se especializou em manuscritos iluminados. “É o facto de sabermos, pela inscrição no calendário do livro, que é ele o seu autor e que o encomendante é o rei, de quem era muito próximo, que nos permite dizer que foi feito de propósito para D. João II e a seu pedido.”

A dita inscrição – “composto pelo lece[n]ciado calçadilha per mandado Del rei ao meridiano e ladeza de Lixboa o anno de 1483” – dá-nos con-

ta da mão de Ortiz de Vilhegas, conhecido como o Calçadilha por referência à localidade perto de Cáceres onde nasceu, em 1457, e do carácter “não usual” do calendário incluído neste Livro de Horas.

“Não é habitual ter num livro de devoção privada, para usar na intimidade, um calendário com informação astronómica precisa, que corrige as posições dos números de ouro, ligados à lua”, explica Henrique Leitão, historiador de ciência que faz parte



# Para um rei navegador



**“Temos aqui 22 iluminuras, e isso é como ter uma pequena sala de exposições com 22 pinturas que nunca tínhamos visto”, diz a investigadora Delmira Custódio**

do grupo de investigadores que estuda este manuscrito iluminado, núcleo que já fez a sua transcrição e identificou vários dos proprietários que teve desde que foi composto, há quase 540 anos.

Recorrendo aos seus conhecimentos de astronomia e matemática, o prelado castelhano vai ao pormenor de levar em conta as coordenadas da cidade de Lisboa para colocar as fases da lua nos dias certos, algo que não é feito num calendário litúrgico tradicional e que tem implicações na data em que se celebra a Páscoa, acrescenta o historiador.

“O que acontecia com um calendário tradicional é que dizia que a lua ia estar cheia no dia tal e saía-se à rua e não estava ainda – a observação astronómica contrariava o calendário. Ora, o Ortiz faz um calendário em que uma e outra coisa coincidem. Põe as luas nos dias certos, como aliás já se fazia nos calendários usados pelos marinheiros, pelos navegadores”, diz

Henrique Leitão, acrescentando que Portugal é o único reino europeu que já em meados do século XV leva matemáticos e astrónomos nas embarcações da exploração oceânica.

Ortiz de Vilhegas, que foi bispo de Tânger, de Ceuta e de Viseu, homem de confiança de D. João II (sentou-se à mesa nas negociações do Tratado de Tordesilhas que dividiu o mundo conhecido e por conhecer entre as duas coroas ibéricas) e de D. Manuel I, perceptor do futuro D. João III, tem um percurso que devia ser mais estu-

do, diz o investigador. Francisco Contente Domingues concorda, mas faz questão de relativizar o papel da chamada “junta de matemáticos” (Ortiz de Vilhegas, e os mestres José Vizinho e Rodrigo das Pedras Negras) a quem D. João II confiou a tarefa de avaliar a proposta de exploração dos mares de Cristóvão Colombo, que em 1492 e ao serviço da concorrência (os reis católicos, Fernando e Isabel) acabou por descobrir a América quando se julgava a caminho da Índia.

“Não existe uma estrutura formal com aquilo a que hoje chamaríamos cientistas, matemáticos, na corte de D. João II. O que existe, como noutras, são conselheiros. Ortiz é um dos astrólogos do rei – os seus conhecimentos dos astros também são usados com intuítos divinatórios. Tudo se mistura porque a ciência como hoje a vemos não existia. O próprio [matemático] Pedro Nunes foi astrólogo de D. João III”, diz Contente Domingues, lembrando que D. João II dava grande importância às navegações, mas não mais do que a outros aspectos da governação do reino, em particular o que dizia respeito à sucessão depois da morte do seu herdeiro natural, o príncipe Afonso, num acidente envolto em conspirações.

Seja como for, acredita Delmira Custódio, o estudo do Livro de Horas do monarca poderá trazer informação preciosa sobre o seu reinado, em particular no domínio das artes, já que se sabe muito pouco sobre o mecenato cultural do monarca. “Temos aqui 22 iluminuras, e isso é como ter uma pequena sala de exposições com 22 pinturas que nunca tínhamos visto”, diz a investigadora, que para já chegou à conclusão, com Adelaide Miranda, de que elas saem das mãos de pelo menos dois artistas,

embora não consiga ainda identificá-los. “Agora temos de voltar a passar a pente fino toda a iluminura feita durante o reinado de D. João II. E talvez nunca venhamos a saber quem são os artistas deste livro.”

Há na maioria destas iluminuras uma linha negra muito precisa que parece estar lá para corrigir a figura, o desenho, acrescenta esta investigadora do IEM. E isso acontece porque pode ter sido feito por um mestre e um aprendiz. “Neste livro há correções, o que não existe, por exemplo, nas *Perfeitíssimas Horas da Rainha D. Leonor*, Livro de Horas da mulher de D. João II, uma obra flamenga. Não tendo a mesma qualidade, o livro do

em contacto com o dono deste livro de orações com mais de 500 anos e não pôde, por isso, averiguar se tentaciona vendê-lo, nem sequer se terá já mandado avaliá-lo. Sabe, no entanto, que até ao momento a Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), entidade a que pertence o MNAA, instituição que seria um destino possível para este volume caso o Estado viesse a comprá-lo, ainda não recebeu qualquer proposta de aquisição. A Torre do Tombo (TT), serviço dependente da Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB), outra das moradas prováveis, também não.

“Não tivemos qualquer contacto do proprietário ou de outra pessoa em seu nome”, diz Silvestre Lacerda, responsável máximo da DGLAB e, por inerência, director da Torre do Tombo, o mais importante dos arquivos nacionais. “De qualquer forma, seria mais lógico que a compra de um volume desta natureza fosse proposta à Biblioteca Nacional [de Portugal, BNP], para onde, aliás, já transferimos Livros de Horas da colecção da Torre do Tombo.” Até à hora do fecho desta edição não foi, no entanto, possível obter esclarecimentos de Inês Cordeiro, directora da BPN.

Seja como for, tanto Joaquim Caetano como Silvestre Lacerda dizem que a obra poderá vir a revelar-se muito interessante, sobretudo do ponto de vista documental. “Só vindo ao pormenor saberemos”, diz o director da TT. “É preciso esperar pelo estudo aprofundado.”

“As imagens que se conhecem dos jornais não servem para avaliar a qualidade artística do livro. Para isso, é preciso tê-lo à frente, analisá-lo, e eu ainda não o vi”, diz o director do MNAA. “Do que já li, parece-me ter, acima de tudo, um grande interesse histórico por ter sido feito para D. João II, com a participação de um bispo-cosmógrafo ainda pouco estudado.”

Por que razão quis este poderoso monarca um livro de orações feito em Portugal quando a sua mulher, também como ele neto de D. Duarte, importava os seus, artisticamente muito superiores? Por que razão quis que nele houvesse um calendário com a precisão do dos navegadores? E o que pode este livro dizer-nos sobre a arte em Portugal no fim do século XV? Estas e outras perguntas poderão encontrar resposta em breve.

**Grande interesse histórico por ter sido feito para D. João II, com um bispo-cosmógrafo pouco estudado**

**Joaquim Caetano**  
Director do MNAA

rei mostra-nos que há em Portugal uma prática da iluminura já em fase de consolidação que leva a que mais tarde se atinja o nível que vemos na *Leitura Nova* [colectânea de cópias de documentos oficiais iluminada que D. Manuel I manda fazer em 1504 e que tem António de Holanda, artista educado nos Países Baixos, entre os autores] e no Livro de Horas dito de D. Manuel [1517-c.1551, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA)]. Isso não acontece do nada.”

**Estará à venda?**

Paulo de Cantos, actual proprietário do códice agora em estudo, herdou do avô o nome e um extenso acervo bibliográfico por catalogar, contou o *Expresso* em Março, e muito provavelmente não fazia ideia de que o pequeno Livro de Horas pertencera a D. João II. Paulo de Cantos, *designer* modernista que foi sócio da galeria-alfarabista Biblarte, em Lisboa, ponto de encontro de poetas e artistas, morreu em 1979, talvez sem o saber.

O PÚBLICO não conseguiu entrar

lucinda.canelas@publico.pt

